A imigração e o comércio dos franco-judeus no Ceará (Aracati e Fortaleza – 1870/1918)

Eustáquio Gonzaga Alvarenga Júnior*

Resumo do trabalho

Esse estudo tem como objetivo analisar as transformações ocorridas no esteio do processo civilizador capitalista, processo esse que alterou os meios de produção, as formas de consumo e a circulação de mercadorias e pessoas. O fio condutor do trabalho é a trajetória de membros das famílias franco-judaicas dos Meyer, Klein e Gradvohl. Através dos depoimentos orais colhidos, pode-se perceber o panorama do século XIX como pano de fundo do processo imigratório e das atividades laborais desses indivíduos. O jogo de escalas próprio da micro-história, as comparações da história global e a pós-memória ilustram as conexões entre escolhas de vida, ciclos econômicos, guerras, políticas migracionais e etnia judaica. Uma ponte alimentada de sonhos e ambição levou tais imigrantes a cruzarem o Atlântico em busca da Terra Prometida no Ceará, especificamente nas cidades de Aracati e Fortaleza. O recorte temporal abrange o período que vai de 1870, data da chegada da maioria dos franco-judeus ao Ceará, até princípios do século XX, onde ocorre um significativo declínio da cidade de Aracati. As cidades do período abrigaram esses imigrantes que acabaram por se constituir como agentes potencializadores das fortes trocas comerciais ocorridas na época. Eles uniram diversas praças comerciais cearenses ao Brasil e ao mundo através da fundação de suas casas importadoras e exportadoras.

Palavras-chave: Capitalismo. Modernidade. Imigração. Judaísmo.

* Mestre em História e Culturas pelo MAHIS/UECE.

Introdução

A consolidação do capitalismo industrial e seu processo civilizador, ao longo do século XIX, bem como seu impacto sobre os fluxos de mercadorias e pessoas à época, trouxe novos desdobramentos e problemáticas, dentre os quais, a imigração. As novas dinâmicas geradas a partir desses fatos alteraram as formas de trabalho e consumo. Essas mudanças também produziram deslocamentos em massa de indivíduos em direção aos cenários urbanos, onde salários de fome e jornadas extensas de trabalho os aguardavam. É Bresciani (2009, p. 10) quem dirá: "A multidão, sua presença nas ruas de Londres e Paris do século XIX, foi considerada pelos contemporâneos como um acontecimento inquietante". Com relação às migrações internas e externas, o século XIX talvez tenha gerado os mais fortes fluxos migratórios já documentados. É Lesser (2015) quem menciona o fato de que, ao se considerar o período que vai de 1870 a 1930, algo como 4 milhões de imigrantes se estabeleceram na Argentina; aproximadamente 3 milhões no Brasil; por volta de 1 milhão em Cuba e 400 mil no Uruguai. No caso da América do Norte, menciona que o Canadá recebeu mais de 1,3 milhões de imigrantes, ao passo que os Estados Unidos viram chegar a impressionante cifra de 20 milhões de novos habitantes.

Desse modo, trouxe esse período mudanças sociais e econômicas profundas, que alteraram a feição do mundo. As novas ideias políticas transformaram noções, práticas e conceitos. É Hobsbawm (2011) quem chama a atenção para o dado de que o século XIX pode ser compreendido - em grande parte - a partir da irrupção da primeira Revolução Industrial na Grã-Bretanha. Tal revolução acabou por estabelecer uma capacidade ilimitada do sistema produtivo, que foi demandada pelo capitalismo, além de promover um forte crescimento econômico e uma irradiação mundial. Menciona também a grande modificação operada por outra revolução: a revolução política franco-americana. Essa acabou por estabelecer os novos modelos dominantes de instituições públicas da sociedade burguesa, inspiradas pelos sistemas teóricos da economia política clássica[1]

[1] Segundo Singer (1975), o pensamento assim expresso acompanhava as novas teorias econômicas advindas com a Revolução Industrial. A evolução da Teoria das Vantagens Comparativas, no comércio entre diferentes nações, e da Doutrina do Livre-Cambismo, desenvolvidas por teóricos como Adam Smith, Davi Ricardo e John Stuart Mill, desde o

(liberalismo econômico) e da filosofia utilitarista (princípio do bem-estar máximo). Para além dessas transformações, a nova lógica capitalista também mudou a dinâmica das trocas. Segundo Bairoch (1986, p. 277), "[...] a expansão das trocas é muito rápida no século XIX. O volume das exportações por habitante é multiplicado por 25 entre 1800 e 1913 (com um aumento anual de 3%)". A tecnologia facilitou transações e encurtou distâncias. O século XIX foi o laboratório de experiências dessa miscelânea impactante de novidades.

A Europa de então incorporou fortemente esse espírito: cidades sofreram um tremendo acréscimo demográfico, bulevares e avenidas foram rasgados em nome da higiene e da racionalidade, chaminés de fábricas povoaram horizontes. O ritmo frenético da nova ordem ditou os cotidianos. O impacto dessas mudanças causou grandes deslocamentos populacionais: do campo para a cidade, das cidades para o mundo. As novas relações de trabalho não contemplaram a todos. A posse da terra ainda continuava a ser um problema. Segundo Hobsbawm (2011), as problemáticas que envolviam as classes mais pobres desse período apontavam para duas soluções: a emigração ou a formação de cooperativas, sendo essa última opção nem sempre bem-sucedida. Além disso, menciona também que os anos de 1880 conheceram as taxas mais elevadas de imigração ultramarina.

Dessa forma, imensos contingentes de trabalhadores foram apanhados pelo vórtice das demandas desse novo cenário. A França do período, assim como outros países da Europa Ocidental, acabou por empurrar uma parcela de sua mão de obra disponível para as Américas. As escolhas que envolviam a travessia do Atlântico eram as mais diversas: a ausência de perspectivas laborais, a falta de um título de propriedade, a fuga de guerras (como a Franco-Prussiana[2] – 1870/1871) ou a pertença a uma etnia per-

último quartel do século XVIII e no decorrer do século XIX, traduziram-se numa nova realidade dos mercados.

[2] Segundo Vidigal (2009), a crise da sucessão da Espanha, em 1868, fez a despótica e desacreditada rainha Isabel II ser deposta por um movimento popular, tendo Isabel se refugiado na França. Um príncipe alemão candidatou-se à sucessão, enquanto a França desejava a rainha deposta restituída ao trono. Isso, junto a outros fatores, levaria à guerra entre a Prússia e a França, conhecida como Guerra Franco-Prussiana. Ao final desse conflito, a França perderia a região da Alsácia-Lorena para a Prússia.

seguida. Os judeus das classes proletárias encaixavam-se nesses motivos. Acabaram por ser presença constante nos vapores[3]que rasgavam os mares de então. Brenner (2013), ao abordar a imigração judaica alemã, ao longo do século XIX, afirma que:

> [...] a maioria dos demais emigrantes trouxeram seus familiares para o Novo Mundo. Eles faziam parte de uma onda muito maior de imigrantes de língua alemã. Como seus vizinhos cristãos, fugiam da repressão política, da discriminação jurídica e da penúria econômica. Porém, enquanto a maioria dos emigrantes cristãos da Alemanha pertenciam à classe média e viajavam com a família, o típico emigrante judeu era pobre, jovem e solteiro. (BRENNER, 2013, p. 192).

Sobre esse período histórico, Hobsbawm (2011) chama a atenção para o fato de o século XIX ter se constituído como uma cria direta das Revoluções Burguesas: a Francesa e a Industrial. O pensamento liberal econômico de Adam Smith[4] e as novas ideias políticas que seduziram a todos com as noções de autonomia, liberdade e iniciativa, geraram uma era propícia a mudanças e novidades. A conjunção desses fatores criou um profundo gosto pelo moderno, que se traduziu numa materialidade e simbolismo de forte impacto no período. A Inglaterra e a França, como duas das nações que assumiram a vanguarda nesse processo modernizador e industrial, ajudaram a forjar a marca de um novo tempo, ou melhor, do "mais belo dos tempos".

Essa época trazia a articulação de duas forças vitais e intrinsecamente ligadas: "modernização" e "civilização". O conceito de "modernização" pode ser tomado a partir das ideias de Berman (1997) e possui três aspectos complementares: é um processo histórico de acumulação de capitais nas mãos de grupos burgueses; é um projeto de transformação material de costumes e usos, além de grandes modificações na paisagem das cidades; é o resultado de dinâmicas sociais que favoreceram ou dificultaram os investimentos das elites em diversos setores, bem como

[3] Navios a vapor, transatlânticos. Segundo Levasseur (1912, p. 401), tomando-se como exemplo o desenvolvimento da navegação francesa, verifica-se que os navios a vapor, sobretudo a partir dos anos de 1860, foram o principal meio de transporte (devido ao invento da combustão a vapor) utilizado nas rotas que ligavam esse país europeu às Américas.

[4] Economista escocês fundador do liberalismo econômico, liberalismo esse que pregava o livre comércio e a intervenção mínima do Estado nas trocas comerciais.

envolveu também as estratégias e respostas das camadas mais pobres a essas mudanças.

Já o conceito de "civilização" pode ser ilustrado através da visão de Starobinski (2001), que chama a atenção para o fato de que esse conceito não mais se liga a uma ação, e sim a um estado. "Civilização" não seria mais um devir, mas algo que:

> [...] carregado de sagrado demoniza seu antônimo. A palavra civilização, se já não designa um fato submetido a julgamento, mas um valor incontestável, entra no arsenal verbal do louvor ou da acusação. Não se trata mais de avaliar os defeitos ou os méritos da civilização. Ela própria se torna o critério por excelência: julgar-se-á em nome da civilização. É preciso tomar seu partido, adotar sua causa. Ela se torna (o critério por excelência) motivo de exaltação para todos aqueles que respondem ao seu apelo; ou, inversamente, fundamenta uma condenação; tudo que não é civilização, tudo que lhe resiste, tudo que a ameaça, fará figura de monstro ou de mal absoluto. (STAROBINSKI, 2001, p. 32)

Portanto, essa "bela época" era constituída, sobretudo, por um forte desejo das elites europeias de modernizarem-se. A definição do que vem a ser "elite" é algo ainda não passível de consenso. O sociólogo Busino (1992, p. 4) considera que o termo faz referência à "minoria que dispõe, em uma sociedade determinada, em um dado momento, de privilégios decorrentes de qualidades naturais valorizadas socialmente ou de qualidades adquiridas [...] pode designar tanto o conjunto ou o meio, quanto os indivíduos que a compõem".

Diante disso, vê-se que a vontade inexorável dessas elites de buscarem a "modernização", a "civilização" e a "distinção" fez parte de um panorama maior, panorama esse que tomava forma já há algum tempo: o "processo civilizador capitalista". Esse processo civilizador seria aquele demonstrado por Elias (1994), onde, desde meados do final da Idade Média, a Europa Ocidental experimentara uma domesticação dos modos, um cerceamento dos comportamentos cada vez mais acentuado, vindo a desaguar na sociedade burguesa dos séculos XIX e XX. Ele afirma que esse processo de civilização:

> [...] refere-se a uma grande variedade de fatos: ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, às ideias religiosas e aos costumes. Pode se referir ao tipo de

> habitações ou à maneira como os homens e mulheres vivem juntos, à forma de punição determinada pelo sistema judiciário ou ao modo como são preparados os alimentos. Rigorosamente falando, nada há que não possa ser feito de forma "civilizada" ou "incivilizada". Daí ser sempre difícil sumariar em algumas palavras o que se pode descrever como civilização. Mas se examinarmos o que realmente constitui a função geral do conceito de civilização, e que qualidade comum leva a todas essas várias atitudes e atividades humanas a serem descritas como civilizadas, partimos de uma descoberta muito simples: este conceito expressa a consciência que o Ocidente tem de si mesmo. Poderíamos até dizer: a consciência nacional. (ELIAS, 1994, p. 24)

A esse "processo civilizador" juntaram-se as práticas de produção e trocas do que veio a se chamar "capitalismo". Desse modo, a burguesia "civilizada", o Estado-Nação[5] e o capital forjaram as estruturas sociais, políticas e econômicas do século XIX. Essa transformação é percebida através das novas relações que se estabeleceram, alterando as dinâmicas comerciais e sociais do período. O capitalismo pode ser caracterizado pela definição que Jessua (2011, p. 9) dá a ele: "[...] define-se pela apropriação privada dos meios de produção; pela coordenação de decisões por meio de troca, em outros termos, pelo mercado; finalmente pela acumulação de capitais através de instituições financeiras, ou seja, pelo crédito".

Os apelos desse "processo civilizador capitalista" reverberaram fundo nas pretensões burguesas. Os cenários urbanos se modificaram em definitivo, no esteio desse processo: fábricas e suas chaminés projetaram-se no horizonte, grandes massas de pessoas acotovelavam-se nas ruas e calçadas, novos projetos arquitetônicos e urbanísticos surgiram nas cidades, novidades tecnológicas "aceleraram" o cotidiano. Vive-se a febre da "haussmanização[6]", entendida aqui como uma série de intervenções feitas nas urbes visando a uma racionalização e desinfecção dos espaços urbanos.

---

[5] Conforme menciona Bresser Pereira (2008), o Estado-Nação; segundo sua própria denominação esclarece, tem o Estado como seu elemento constituinte fundamental. É o principal resultado político da consolidação do Capitalismo. Este, no plano econômico, deu origem ao capital e às demais instituições fundamentais ao regime.

[6] Referência às modificações feitas em Paris pelo imperial prefeito de Napoleão III, o barão Georges-Eugène Haussmann, e que acabaram sendo padrão para todas as reformas urbanas do período.

Contudo, não foi só a lógica produtiva e os cenários urbanos que se alteraram nesse período: há o surgimento também de uma forte cultura do consumo. Para MacCraken (2003), houve três momentos decisivos para a história da formação do hábito de consumir: o primeiro deles teria ocorrido no século XVI, na Inglaterra. Elizabeth I[7]estimulara os nobres a consumir como sinônimo de traço de distinção. Isso acabou por alterar as dinâmicas sociais de então. Num segundo momento, por volta do século XVII, houve um forte apelo da moda em relação ao consumo dos tecidos chita e musselina. Tal fato ocasionou uma mudança nas demandas de importação desse país, bem como em relação à produção doméstica. Por último, por volta do século XVIII, o "mundo dos bens" teria se expandido de tal forma a ponto de levar a uma naturalização das práticas de consumo. Seria o princípio de uma forte competição social, onde os membros da sociedade inglesa esforçavam-se para galgar escalas dentro de uma lógica de mobilidade vertical. Essa hierarquia estava intrinsecamente ligada à capacidade de consumo. Era a consolidação de uma sociedade capitalista de classes calcada na renda e no consumismo. Esse último *boom* de consumo ocorreu concomitantemente à consolidação da Revolução Industrial. Ambos os fatos estiveram relacionados à produção em massa de inúmeros tipos de artigos, dentre eles os de luxo. Nesse contexto, percebe-se uma estreita relação entre consumo e cultura: o ato de se adquirir algo traz agora consigo um claro significado cultural, pois o objeto passa a ter um valor subjetivo intrínseco, afirma MacCraken (2003).

Desse modo, a Revolução Industrial e o consumo como traço de distinção causaram mudanças nos comportamentos sociais. Isso gerou o que Elias (1994) chamou de uma das etapas do "processo civilizador". A expansão do capitalismo pelo mundo se deu por uma crescente rede de trocas que alcançou inúmeros mercados. Sendo assim, a produção, a distribuição e o consumo ditaram as regras de uma engrenagem que se tornava mundial. Uma cultura burguesa, urbana e comercial, passou a se expandir.

Nesse panorama, embora a França tenha se industrializado depois da Inglaterra, acabou esse primeiro país por exercer uma forte influência cultural e, também, econômica na Europa Continental, sobretudo durante as conquistas de Napoleão (início do século XIX). Ele incentivou a

[7] Segundo Gillies (2013), Elizabeth I reinou na Inglaterra renascentista. Durante boa parte do século XVI, foi responsável por um período de grande crescimento econômico e cultural, além de ter aumentado a importância política desse reino.

indústria e a agricultura, organizou as finanças e estabilizou a moeda. A educação passou a ser responsabilidade do Estado. Manteve as conquistas da Revolução Francesa: supressão dos privilégios dos nobres, igualdade perante o sistema legal e liberdade pessoal e laboral. As conquistas de Napoleão aumentaram os mercados externos para os produtos franceses, o que deu um novo fôlego à indústria, ilustra Niveau (1969).

Entretanto, a situação política francesa continuava instável internamente. Eclodia a Revolução de 1830. Tal revolução consolidou a vitória da burguesia na França, aclamando Luís Felipe, de formação liberal, como novo rei francês (1830-1848). Essa mudança política não resolveu questões ligadas à superpopulação das cidades e suas péssimas condições de trabalho. Nova reação socialista se sucede e em 1848 é proclamada a República. Nesse ano, Carlos Luís Napoleão Bonaparte, sobrinho de Napoleão I, foi eleito Presidente da República. Nesse período, houve um incremento na construção de estradas de ferro. A produção do aço cresceu incríveis 10% ao ano. A industrialização da França efetivou-se com esse extraordinário crescimento dos caminhos de ferro. Um pouco mais adiante, em 1852, Napoleão III deu início ao Segundo Império[8]. Foi durante seu governo que o setor financeiro francês cresceu consideravelmente. A cidade de Paris modificou-se, passando pela reurbanização já mencionada. Em 1855, a França foi reconhecida pela comunidade internacional como um país industrializado. Por volta de 1870, logo após a crise desencadeada pela Guerra Franco-Prussiana, a França recuperou-se, iniciando uma ofensiva colonialista na África e na Ásia, o que estimulou suas exportações, o processo de industrialização e o desenvolvimento de um forte e dinâmico mercado interno, cita Niveau (1969).

Diante do panorama do aumento da produção de bens de consumo, ocorre também uma busca por novas estratégias para o escoamento e venda desses manufaturados. No contexto dessa nova cultura burguesa e capitalista que emergia, surgem as chamadas Exposições Universais. Esses eventos tinham como objetivo divulgar e expor os mais diferentes produtos e tecnologias disponíveis à época. Inglaterra e França estiveram na dianteira da organização e estímulo dessas feiras da modernidade. A imagem abaixo traz um flagrante da Exposição Universal de Paris, ocorrida em 1889:

[8] Napoleão II (1811-1832), filho de Napoleão I, foi proclamado Rei de Roma ao nascer. Morreu no exílio de tuberculose.

Figura 1 – Vista da Torre Eiffel e dos pavilhões da Exposição Universal de 1889, em Paris.
Fonte: http://www.algosobre.com.br (acesso em 08/10/2016).

Uma prática muito comum era a confecção de catálogos para a divulgação desses produtos. A primeira dessas exposições ocorreu em 1844, na Inglaterra. A irradiação capitalista pelo mundo teve nessas feiras seu principal símbolo. É Barbuy (1996, p. 212) quem menciona o fato de que "[...] as exposições universais surgem como exibições dos progressos da indústria, dirigida para a instrução das massas". Pesavento (1997, p. 13) afirma, ao caracterizar a consolidação do capitalismo industrial e suas exposições: "[...] o mundo, pois se mobiliza para um encontro universal em nome do progresso e da concórdia entre os povos, da instrução e do divertimento, das trocas comerciais e da exibição das novidades [...]".

Além da estratégia de participar e sediar Exposições Universais, o governo francês da segunda metade do século XIX passou a estimular a fundação de casas comerciais importadoras e exportadoras, pois o crescente parque industrial europeu demandava pelas matérias-primas da Ásia,

África e Américas. Dentro dessa lógica, firmas eram estabelecidas nas principais cidades francesas, geralmente matrizes, e filiais eram fundadas do outro lado do Atlântico. Isso facilitava as transações comerciais que envolviam o envio de manufaturados e a importação de algodão, couros, palhas e outros gêneros. A célebre casa *Boris Frères*, existente em Paris e Fortaleza, no Ceará, atuou dessa maneira. Esses comerciantes muitas vezes também eram agentes consulares. Tal fato ajudava na troca de informações acerca das necessidades comerciais que envolviam matrizes europeias e filiais sul-americanas. É Takeya (1995) quem menciona a atuação dessa casa comercial:

> Consideramos que a partir de meados do século XIX houve uma expansão comercial francesa para o Brasil que deve ser entendida no marco da Divisão Internacional do Trabalho, que então se estruturava. Nesse processo, as casas comerciais importadoras e exportadoras francesas tiveram uma importância fundamental, ao materializarem essa expansão. A casa *Boris Frères*, em particular, foi uma expressão dessa importância. Devido, por um lado, às especificidades do espaço em que atuou e, por outro, a sua própria estruturação como casa comercial estrangeira, pôde estabelecer sua hegemonia nesse mesmo espaço. (TAKEYA, 1995, p. 18)

Para além de todas essas mudanças nos meios de produção, na tecnologia, no consumo e nos cenários urbanos, houve uma alteração também nas dinâmicas laborais e no fluxo de pessoas. O mundo do século XIX era um mundo mais densamente povoado. Segundo Hobsbawm (2011), estimativas da segunda metade desse século apontavam para uma população mundial de, aproximadamente, 1,5 bilhão de pessoas. A população europeia, por volta de 1880, era de 430 milhões de pessoas. Tal contingente foi tragado pela maré de novidades e alterações trazidas no bojo de uma economia que se mundializava. Nesse contexto, a imigração tornou-se a solução para diversas problemáticas que se acentuaram com o advento dessas novas formas de viver e trabalhar. Essa imigração em massa, sobretudo para as Américas, foi responsável por um salto populacional nesse Continente, salto esse que foi de 30 milhões de pessoas, para 160 milhões, num espaço de 100 anos (entre 1800 e 1900).

Esse mundo, agora muito populoso, foi conectado de maneira forte e irreversível pelos avanços tecnológicos do período. Esses avanços facilitaram a circulação de mercadorias, pessoas, ideias e informações. A

Europa, irradiadora desse intenso processo de industrialização e conexões, acabou também por realizar empreendimentos para além de suas fronteiras. Hobsbawm (2011) menciona os altíssimos investimentos feitos pelo capital europeu na construção das redes ferroviárias da Argentina e do Brasil. Esses investimentos visavam à melhoria do escoamento da matéria-prima americana, destinada a abastecer os parques industriais europeus.

Dentro desse contexto de incremento do tráfego de capitais, bens e pessoas, novas funções laborais também foram surgindo. Analisando o processo de industrialização francês, constata-se que um dos setores mais pujantes da época foi o da produção de tecidos. A cidade de Mulhouse, segundo maior aglomerado urbano da Alsácia, foi uma das protagonistas desse setor[9]. A imagem abaixo traz instantâneo do centro histórico da mencionada cidade - de onde os Gradvohl aqui estudados eram oriundos -, e ainda hoje um importante polo da indústria automobilística francesa:

Figura 2 – Imagem do centro da cidade de Mulhouse, na Alsácia-Lorena, em 1900. Fonte: http://www.commons.wikimedia.org (acesso em 27/11/2016).

[9] De acordo com Léon (1976): "O comércio de comissão assegurará, cada vez mais, a sua síntese [entre o comércio interior e o exterior]. Assim, os grandes comerciantes do Havre ou Dunquerque, que importam os algodões da América ou do Levante, as lãs da Argentina e da Austrália, os encaminham também para **Mulhouse (grifo do autor)** ou para Roubaix. O mesmo em Marselha ou Lyon, onde o comissário opera em todos os níveis, sobre todos os tipos de mercado".

Retornando à indústria têxtil francesa da segunda metade do século XIX, vê-se que tal setor industrial demandava fortemente por matérias-primas. Uma das soluções encontradas na ocasião foi a consolidação da figura do *commissionaire* – o comissário, segundo Léon (1976)[10]. A importância do comissário na atividade comercial francesa se deu, sobretudo, a partir de 1850. Esse protagonismo é revelado pela presença da figura do profissional de comissão em inúmeras publicações que então são feitas, principalmente nos "almanaques-anuários", menciona Takeya (1995). Um dos milhares de comissários franceses da época era o judeu alsaciano Gerson Gradvohl. Segundo seu descendente, Roger Gradvohl (43 anos, empresário), seu antepassado esteve no Ceará, com frequência, pelo menos desde 1864. Sua fala ilustra essa trajetória:

> Ele veio para o Brasil em 1864 e era de Mulhouse, uma cidade da Alsácia-Lorena, perto de Estrasburgo [...] Mas realmente ele veio para pesquisar os produtos daqui que serviam para a exportação para a França, naquela época: a cera de carnaúba, o chifre de boi (de onde se faziam botões), o óleo de mamona (que servia para a indústria) e o algodão"[11].

Dessa forma, vê-se que não foi só o dinheiro, os comissários e as mercadorias europeus que cruzaram o Atlântico: a bacia do Rio da Prata[12] e os principais portos brasileiros; viram chegar, durante as últimas décadas do século XIX e início do XX, algo como 200 mil imigrantes. Dentre esses imigrados estavam muitos judeus. A história dessa recente imigração judaica, ao longo desse período, deve ser compreendida como um processo histórico cuja dinâmica está atrelada a uma série de questões. Dentre essas questões, merecem ser consideradas: o processo de emancipação dos judeus na Europa, as manifestações de antissemitismo mais recentes e calcadas nas pseudocientíficas teorias raciais emergentes,

---

[10] Ver LÉON, Pierre. Le dinamisme industriel. In: BRAUDEL, F., LABROUSSE, E. **Histoire économique et sociale de la France**. Paris: Presses Universitaires de France, 1976, v. 2, t. 3, p. 581-618.

[11] GRADVOHL, Roger. **Roger Gradvohl**: depoimento [nov. 2016]. Entrevistador: Eustáquio Gonzaga Alvarenga Júnior. Fortaleza: 2016. Arquivo em MP3.

[12] Rio que banha a República Oriental do Uruguai, as províncias do litoral argentino e os Estados do sul do Brasil.

o fim do Império Czarista, o surto demográfico europeu e o consequente empobrecimento de muitos, o difícil acesso à propriedade fundiária e a falta de oportunidades de trabalho. Além disso, o advento da navegação a vapor e o surgimento de um sonho de riqueza fácil nas Américas, também acabaram por impulsionar as escolhas dos indivíduos que optaram por fazer a travessia do Atlântico. No tópico seguinte, empreende-se uma análise desses fluxos.

Judeus franceses na Modernidade

Brenner (2013), ao empreender um estudo da trajetória do povo judeu até os dias de hoje, afirma que a migração foi uma constante na história dessa etnia. Contudo, menciona também que os judeus nem sempre foram um povo errante, apesar das migrações caracterizarem a história judaica em todas as épocas e continentes. Isso se deu por conta de perseguições religiosas, restrições laborais e dificuldades materiais.

Na França, depois do episódio da expulsão dos judeus no século XIV[13], restaram apenas duas comunidades de israelitas: uma pequena, estabelecida no território papal da cidade de Avignon, e outra um pouco maior, perto da cidade de Bordeaux. Mais tarde, em virtude da anexação da Alsácia-Lorena (século XVII), a comunidade judaica da França iria novamente crescer. Contudo, a vulnerabilidade dessas comunidades persistia. A situação dos judeus franceses realmente começou a mudar a partir da Revolução Francesa: os imperativos políticos que reivindicavam direitos iguais beneficiaram também aos indivíduos dessa etnia. Nesse contexto, os judeus franceses tornaram-se, aos poucos, cidadãos. Em 1790, os *sefarditas*[14] de Bordeaux adquiriram cidadania plena. Em 1791, foi a vez dos *ashquenazitas*[15] da Alsácia-Lorena. Desse modo,

[13] De acordo com Brenner (2013), os judeus da Inglaterra e da França, ao longo do século XIV, tiveram que deixar esses países. O motivo dessas perseguições tinha uma argumentação teológica, pois os cristãos consideravam os judeus deicidas (assassinos do Filho de Deus, o Cristo). Porém, muitas vezes os motivos eram mais prosaicos: quando uma comunidade judaica não tinha mais recursos para pagar impostos, as perseguições se intensificavam.

[14] Judeus que se radicaram no norte da África e na Península Ibérica, depois das primeiras Diásporas.

[15] Judeus radicados na Europa Ocidental, do Leste e Rússia.

os judeus da França não mais seriam considerados cidadãos de segunda classe. Reconhecidos então como cidadãos, os judeus deixaram de viver em estamentos marginais para participar como indivíduos, agora incluídos, nas novas classes sociais emergentes com o sistema capitalista. Esse processo de emancipação, por exemplo, garantiu aos judeus alsacianos a possibilidade de fazerem empréstimos aos camponeses, ilustra Carneiro (2013).

Porém, foi ao longo do século XIX que os judeus europeus começaram a passar por um processo de emancipação mais generalizado. As primeiras propostas teóricas acerca dessa emancipação surgiram na Prússia: éditos moderados foram expedidos por autoridades austríacas, embora tenha sido na França onde essas mudanças ocorreram primeiro, cita Brenner (2013). Diante desses fatos, os judeus passaram a sentir-se duplamente identificados: agora eram judeus e franceses ou judeus e alemães. Isso trazia novas problemáticas, como o tema da assimilação[16]. Nesse contexto, a maioria dos judeus estava disposta a aculturar-se, porém, sem jamais abandonar o judaísmo. Sendo assim, os judeus europeus do século XIX passaram a ver a si mesmos, pela primeira vez, como franceses, alemães ou ingleses.

Desse modo, as mudanças ocorridas ao longo do século XIX não disseram respeito somente ao ordenamento jurídico, mas afetaram também os modos de vida dos judeus. Em duas ou três gerações, grande parte de uma população rural composta de mascates, penhoristas e negociantes de gado, incorporou-se a uma burguesia urbana que lidava principalmente com o comércio de atacado e varejo, menciona Brenner (2013). Esses desdobramentos criaram duas tendências reformistas dentro das comunidades judaicas europeias: uma ligada a um judaísmo de cunho mais liberal, a outra ligada a uma corrente mais ortodoxa religiosa.

A França das últimas décadas do século XIX abrigou uma das maiores populações judaicas do período. Tal fato está relacionado com a emancipação pioneira ocorrida ainda durante a Revolução Francesa. A tabela a seguir ilustra em números o tamanho dessa população:

[16] Perda da identidade judaica dentro de uma cultura gentia (não-judaica).

Tabela 1 – Países com as maiores comunidades judaicas, por volta de 1898

Países	População
Rússia	5,7 milhões
Áustria-Hungria	1,9 milhão
Estados Unidos	1 milhão
Alemanha	568 mil
Império Otomano	466 mil
Romênia	300 mil
Marrocos	150 mil
Etiópia	120 mil
Reino Unido	100 mil
Holanda	97 mil
França	72 mil
França (mais Marrocos francês e Tunísia)	93 mil

Fonte: DASHEFSKY, A. and SHESKIN, I. (eds.). American Jewish Yearbook 2013: the annual record of the North American Jewish Communities. DOI 10. 1007/978-3-319-01658-0_1, Springer International Publishing Switzerland, 2014.

Observando-se a tabela anterior, percebe-se que a França Continental, não se considerando os territórios do Marrocos e da Tunísia, abrigava uma população de 72 mil judeus. Desse total, muitos viviam no Departamento (espécie de Província) da Alsácia-Lorena. O que se convencionou chamar de Alsácia-Lorena é uma região composta pela totalidade da Alsácia, que hoje é dividida em dois Departamentos: o Baixo Reno e o Alto Reno, cujas cidades mais importantes são Estrasburgo e Mulhouse, respectivamente, e por um quarto da Lorena, que compreende o Departamento da Mosela, cuja cidade principal é Metz, menciona Coelho (2007). Os outros três quartos da Lorena, que têm a cidade de Nancy como principal núcleo urbano, são inteiramente franco-franceses. Ao contrário do que ocorre na Alsácia, onde tudo parece alemão. Essas populações alsacianas são de origem germânica e ainda hoje falam uma língua regional que é um dialeto do idioma alemão. Do século XVII até o advento da Guerra Franco-Prussiana, em 1870, a região esteve ligada

à França. O domínio francês sobre essa região foi interrompido após a derrota do exército francês para o prussiano, no ano já enunciado.

Diante disso, em 1871, ocorre também a Unificação Alemã[17]. Com tal fato, a região mencionada passou a ser parte integrante do Império Alemão. Isso fez com que os habitantes da Alsácia-Lorena, até então franceses, passassem a ser, automaticamente, alemães. Essa mudança repentina de cidadania não foi digerida facilmente pela população local, inclusive pelos que pertenciam à etnia judaica. Essa anexação, menciona Coelho (2007), levou muitos alsacianos a trocarem seu rincão natal pela Argélia, por outras regiões da França ou até mesmo por outros países.

Uma das famílias judias alsacianas que migraram para o Brasil nesse período - a família dos Boris - abandonou a cidade de Chambrey, na Alsácia, em decorrência do resultado desse conflito. Originalmente, a família Boris comerciava com cavalos, numa longa tradição que remontava ao século XVIII. Em 1865, um dos membros dessa família, Alphonse Boris, dirigiu-se ao Brasil, mais precisamente à Província do Ceará. Foi seguido posteriormente por seu irmão, Theodore Boris. A razão dessa empreitada foi certamente a sondagem das possibilidades do país e da região como mercado para os produtos franceses. A primitiva casa comercial – *Theodore Boris & Frères* - então fundada pelos irmãos, em 1869, desapareceu logo após seu regresso à França. Lá, estabelecidos em Paris, para onde a família havia se mudado depois da anexação alemã; fundaram, em 1872, a *Boris Frères*. O objetivo dessa casa comercial era o de explorar o comércio de comissão de exportação e importação, com matriz na capital francesa e filial no Ceará. Seu retorno para o Brasil deu-se nesse mesmo ano, quando abriram a filial em Fortaleza, afirma Takeya (1995).

Diante disso, ao se observar a tabela seguinte, percebe-se que a mencionada Guerra Franco-Prussiana foi a responsável por um dos maiores deslocamentos migracionais de judeus franceses, dado o tamanho da população de israelitas na região. Esses imigrantes deslocados dirigiram-se para diversos países, inclusive o Brasil:

[17] De acordo com Seyferth (2011), foi um processo político que resultou na unificação da Alemanha (1871), até então fragmentada. Essa unificação promoveu a rápida industrialização alemã, bem como a intensificação de seus interesses imperialistas.

Tabela 2 – Principais momentos de imigração judaica para o Brasil e origem/destino dos imigrados (século XIX)*

1810 – 1820: Abertura dos Portos (motivo)	
Origem: Alemanha, Inglaterra e Rússia	Destino: Rio de Janeiro
1824: A Constituição de 1824 confere liberdade aos credos (motivo)	
Origem: Marrocos	Destino: São Paulo, Bahia, Pernambuco
1860 - 1900: Extração da borracha (motivo)	
Origem: Marrocos	Destino: Amazônia
1870: Guerra Franco-Prussiana (motivo)	
Origem: Alsácia-Lorena	Destino: Norte, Nordeste, Sudeste
***Adaptado pelo autor**	

Fonte: Site do Memorial da Imigração Judaica de São Paulo (http://www.memij.org.br), acesso em 26/10/2016.

Retornando ao caso dos judeus alsacianos que viviam agora sob o Império Alemão, sabe-se que a maioria deles era *ashquenazita*. Esses judeus, ao contrário dos *sefarditas* (que falavam o *ladino*[18]) e dos judeus marroquinos (que falavam o *katitia*[19]), falavam o francês, o alemão, o *iídiche*[20] e o judeu-alemão (espécie de dialeto local), cita Carneiro (2013). A maioria vivia em pequenas vilas próximas dos grandes núcleos urbanos como Estrasburgo. Esses pequenos aglomerados rurais tinham nomes que não negavam a forte influência alemã: Haguenau, Quatzenheim, Riquewihr e Colmar, dentre outros. As famílias judias dos Meyer, Klein e Gradvohl têm suas origens nessa região.

Como habitantes dessa região - antes francesa e agora alemã - alguns indivíduos das famílias citadas buscaram alternativas para essa realidade que se impunha. A compreensão desses processos se dá a partir de várias

[18] Dialeto falado pelos sefarditas ibéricos, espécie de mistura de português, espanhol e línguas originárias da Palestina.

[19] Dialeto falado especificamente pelos judeus há muito estabelecidos no Marrocos.

[20] Principal dialeto falado pelas populações judaicas da Europa Ocidental, do Leste e Rússia.

tipologias de fontes, porém, é a fonte oral que muitas vezes aponta indícios e pistas valiosos na reconstrução dessas trajetórias[21].

Em relação à reconstrução da trajetória dos indivíduos aqui estudados, faz-se necessário o uso do conceito de "pós-memória". Isso se dá pelo fato de as lembranças aqui colhidas não serem diretas, isto é, foram obtidas através das impressões dos descendentes. Além disso, o conceito de "pós-memória" também se aplica na reconstrução de eventos traumáticos e significativos, como os ligados às guerras, à imigração ou à violência. Para melhor ilustrar o que vem a ser pós-memória, é Hirsch (2008) quem esclarece:

> Pós-memória descreve a relação que a geração posterior àqueles que testemunharam o trauma coletivo ou cultural estabelece com as experiências da geração anterior, experiências essas que apenas "recordam" por via de histórias, imagens e comportamentos entre os quais cresceram. Contudo, estas experiências foram-lhes transmitidas tão profunda e afetivamente que parecem constituir-se como memórias próprias. A relação da pós-memória com o passado, assim, não é efetivamente mediada através da recordação, mas sim por investimento, projeção e criação imaginativa (HIRSCH, 2008, p. 106-107)

Desse modo, o conceito de pós-memória pressupõe, portanto, que a memória pode ser herdada e repassada através da representação de histórias, imagens e comportamentos. Além disso, pode se configurar em uma espécie de investimento, projeção ou criação imaginativa. O trauma também pode ser transmitido intergeracionalmente. Quanto a isso, Hirsch (1999, p. 9) afirma que: "[...] é uma questão de adotar as experiências traumáticas – e, por conseguinte, as memórias – dos outros enquanto suas,

[21] Santos (2000) reconhece que as lembranças evocadas e transmitidas por um sujeito estão presas à sua trajetória de vida, o que lhe permite oferecer um testemunho das transformações ocorridas ao seu redor e, ao mesmo tempo, produzir uma análise das mudanças por ele percebidas. As **trajetórias de vida (grifo do autor)** participam do instrumental analítico a ser utilizado na leitura de fontes orais, pois assinalam o universo social do qual provieram e no qual se situam as pessoas entrevistadas. Construir uma trajetória de vida não significa elaborar uma mera biografia do sujeito, pois transitando por suas lembranças tem-se contato com as práticas e relações sociais do entrevistado, permitindo-nos estabelecer suas mobilidades social e espacial. Os papéis sociais definem atitudes e expectativas do entrevistado, e estão relacionados aos diferentes momentos da existência de cada um.

ou, mais precisamente, como experiências que se poderia ter vivido, e de inscrevê-las na sua própria história de vida".

E é no seio da família que as relações pós-mnemônicas se dão, sobretudo. A família - enquanto microcosmo que medeia a memória individual e a memória coletiva - pode funcionar, num contexto pós-traumático, quer como uma espécie de abrigo da violência ou da ruptura, quer como um espaço onde a catástrofe ainda repercute, menciona Hirsch (1999).

Sendo assim, o núcleo familiar se afigura como um terreno onde os acontecimentos traumáticos e a sua respectiva recordação são articulados, negociados ou até reprimidos, constituindo, justamente por isso, como um ambiente privilegiado para se conferir de que maneira os traumas históricos[22] reverberaram nas gerações seguintes.

Diante disso constata-se, em relação à memória dos descendentes desses judeus imigrados, uma necessidade de transformar as recordações de ruptura de seus antepassados em memórias narrativas.

A coleta dos depoimentos dos descendentes das famílias aqui estudadas faz sempre alusão ao momento do abandono da terra natal e ao desenrolar da aventura imigratória. Certamente tais fatos marcaram em definitivo as trajetórias desses indivíduos. Ao se examinar os depoimentos dos descendentes de Jacques Klein, o patriarca de uma dessas famílias judias estabelecidas no Ceará dos oitocentos, percebe-se isso. A família Klein, originária da cidade de Quatzenheim, na Alsácia, viveu então a problemática da anexação alemã. A imagem abaixo traz um instantâneo do centro da pequena vila, com destaque para a sinagoga local:

[22] Sobre a definição do que vem a ser "trauma estrutural" e "trauma histórico", são LaCapra (2001) e Pollock (2009) quem esclarecem o assunto: "[...] enquanto 'trauma estrutural' se refere àquilo que é teorizado pela tradição psicanalítica como acontecimentos inevitáveis e 'efeitos estruturais' na formação da subjetividade (nascimento, castração, cena primordial, etc.); 'trauma histórico" designa um acontecimento ou uma experiência violenta, pessoal ou coletivamente contingente: morte, violação, exílio, imigração, tortura, terror, guerra, etc".

Figura 3 – Fotografia do centro da cidade de Quatzenheim, na Alsácia, com destaque para a fachada da sinagoga local. No sábado – Shabat, dia sagrado dos judeus, geralmente ocorriam os serviços religiosos. Final do século XIX. Fonte: https://www.rol-benkazen.centerblog.net (acesso em 27/11/2016).

Os pais de Jacques, nascidos e criados em Quatzenheim, eram Lamdu Klein (o pai) e Franny Klein (a mãe). O casal teve dois filhos: Jacques Klein (1851/1918) e Joseph Klein (1852/?). É Antônio Carlos Klein Filho (46 anos, juiz de direito, sobrinho-bisneto de Jacques Klein) quem ilustra a trajetória desse seu antepassado, quando indagado sobre as razões que levaram Jacques Klein a vir para o Ceará:

> Eu acredito que as duas coisas, né? A Guerra Franco-Prussiana é da década de 1870, ele vivia na Alsácia, que era uma região de fronteira, ele como bom judeu (risos) era comerciante... E ele deve ter ouvido falar da prosperidade do comércio de exportação de algodão e de cera de carnaúba, não é? E foi provavelmente algum amigo, algum contato que ele soube que estava prosperando aqui e isso o atraiu para o Ceará, para o Aracati. Eu acho isso interessante... Eu vejo que as famílias cearenses de raízes estrangeiras, europeias, elas têm essa característica em comum... As que vieram no século XIX... E todas as demais,

> elas tinham... Eram daquela região. Então com os judeus que foram pro Aracati ocorreu uma característica similar. Alguém deve ter dito: "Olha" – deve ter chegado essa conversa na vila – "Olha, meu primo foi pro Brasil e está se dando muito bem com exportação!", e aquilo atraiu aqueles mais aventureiros e eles refletiram: "Eu tô (sic) vendo aqui que meu futuro não vai ser muita coisa, eu vou me aventurar no Brasil!". E os que vieram, prosperaram, não é? Todas essas famílias, não só os Klein, como os Mirtyl Meyer, os Gradvohl...[23]

Quando inquirido sobre a data exata da vinda de Jacques Klein ao Brasil, o depoente acima não a soube precisar. Porém afirmou, segundo o que seu avô e outros parentes diziam, ter sido durante a década de setenta do século XIX:

> Esse veio nos anos 1870 (Jacques Klein) e esse daqui, que é o meu avô (Henri Klein, sobrinho de Jacques Klein), ele veio na segunda década do século XX. Esse aqui (Jacques) casou com a Caetana Porto e esse aqui (Henri) com a Luísa Pinheiro. E esse aqui (Jacques) faleceu em 1918. [24]

Um outro membro desse grupo de alsacianos imigrados para o Ceará - e também objeto dessa pesquisa, é Myrtil Meyer. A família judia dos Meyer[25], moradores da cidade de Marmoutier, na Alsácia, teve que viver à sombra da modernidade e do domínio alemão. O patriarca dessa família era Bernard Meyer (1844/1912). Sua mulher, Marie Levy (1850/1939), assim como o marido, também fora nascida e criada na pequena Marmoutier. Tiveram cinco filhos: Jeannette Meyer (1875/1966), Myrthille (Myrtil) Meyer (1877/1959), Cécile Meyer (1878/1951), Albert Meyer (1880/1963) e Leónie Meyer (1882/1970). A imagem a seguir, traz um instantâneo da cidade natal dos Meyer:

---

[23] FILHO, Antonio Carlos Pinheiro Klein. **Antonio Carlos Pinheiro Klein Filho**: depoimento [mar. 2016]. Entrevistador: Eustáquio Gonzaga Alvarenga Júnior. Fortaleza: 2016. Arquivo em MP3.

[24] Idem.

[25] Informações colhidas da árvore genealógica dos Meyer (acervo particular de Lucile Mathilde Meyer Ferreira da Nóbrega).

Figura 4 – Fotografia do centro histórico da cidade de Marmoutier, na Alsácia. Em destaque, a catedral da cidade. Décadas iniciais do século XX. Fonte: http://www.alsace-passion.com/marmoutier.htm (acesso em 19/11/2016).

A cidade de Marmoutier, apesar de pequena, possuía uma significativa comunidade judaica. A presença de uma sinagoga atestava isso. Na Alsácia, a primeira comunidade israelita constituiu-se por volta do ano 1000. Porém, a forte influência da Igreja Católica na região foi responsável pela exclusão de muitos judeus da vida social, por vários séculos. Essa perseguição foi tão intensa, que, no ano de 1550, as comunidades judaicas de Estrasburgo, Rosheim, Sélestat, Obernai, Colmar, Mulhouse e Molsheim foram totalmente extintas. Mais tarde, elas se reconstituíram, no século XVIII, após a Revolução Francesa. Nesse contexto, cidades como Estrasburgo, Colmar, Haguenau, Struth, **Marmoutier (grifo do autor)**, Ernstein, Obernai, Bouxwiller e Ingwiller tiveram suas comunidades israelitas restauradas[26].

[26] Informações colhidas no site de turismo francês: **http://br.france.fr/pt-br/informações/o-turismo-judaico-na-franca** (acesso em 23/01/2017).

Voltando à família Meyer, dos cinco filhos, apenas Myrtil encarou a aventura imigratória. Foi levado a isso por conta da perspectiva de servir ao Exército Alemão, em 1897. Além disso, seu pai tinha planos de torná-lo o sucessor do rabino[27] local, atividade para a qual Myrtil não demonstrava pendor, segundo a descendente Heloísa Meyer (84 anos, servidora pública aposentada, neta mais velha de Myrtil Meyer). É a fala da neta que ilustra as razões presentes na imigração do avô:

> Porque como ele era o filho mais velho e ele tava (sic) com uns dezenove anos, o pai dele disse: "Olha, você tem duas coisas para fazer... Ou você vai para fazer o serviço militar com o Exército Alemão..." E o vovô disse: "Eu não quero! Eu sou alsaciano, francês!" [...] Aí ele: "E também não quero ser rabino!". Aí meu bisavô disse: "Então você vai pra escola de rabinos!". E o vovô disse: "Não, eu vou para o Brasil!". Onde tinham aqui dois irmãos da "grand mére[28]": o tio Henrique (Henri), que eu conheci bem velhinho, e o tio Myrtil (Myrthille)... O Myrtil voltou pra (sic) Alsácia e o tio Henrique morreu aqui... O vovô tratava o tio Henrique assim (gesto de mão indicando bom tratamento)[29].

Percebe-se, assim, que Myrtil não desejava cumprir os desígnios traçados pelos projetos paternos. A presença de dois irmãos de sua mãe em Aracati determinou os caminhos de sua aventura imigratória. Esses rapazes Levy, muito provavelmente, devem ter imigrado para o Ceará também por conta da Guerra Franco-Prussiana. Eram um pouco mais velhos do que ele, que chegou em 1897, aos dezenove anos, segundo Heloísa Meyer:

> É, exatamente! Ele chegou aqui em 1897, agora ele nunca me disse o mês, a data... Chegou no Recife... Achou aquilo uma coisa horrível! Horroroso! E os tios contrataram um pessoal que fazia o percurso de Recife para Aracati em lombo de burro. E ele veio em lombo de burro[30].

Encontra-se uma referência a Myrtil e seus tios, em artigo escrito por Girão (1953) sobre a presença francesa no Ceará, artigo esse publicado na *Revista da Academia Cearense de Letras:*

---

[27] Principal autoridade religiosa de uma comunidade judaica.

[28] Bisavó.

[29] FACÓ, Heloísa Meyer Alves. **Heloísa Meyer Alves Facó**: depoimento [abr. 2012]. Entrevistador: Eustáquio Gonzaga Alvarenga Júnior. Fortaleza: 2012. Arquivo em MP3.

[30] Ídem.

> De Fortaleza ampliou-se a influência ao Aracati, o outro então bom porto das nossas exportações. Lá começaram os irmãos Benoit e Natalino Levy e Jacques Klein, aqueles os iniciadores da exportação de peles ou courinhos no Ceará, e este, associado a Antônio Rodrigues Figueiredo, constituindo-se em pouco tempo o nome mais pronunciado da região do Jaguaribe como comerciante de avantajados haveres. Lá é que, identicamente se iniciaram **Myrtil Levy** e **Henrique Levy** e **Myrtil Meyer**, que, a princípio empregado dos Klein, também logrou riqueza e hoje se emparelha aos maiores exportadores de Fortaleza[31] (GIRÃO, 1953, p. 72-84).

Percebe-se assim, diante dos dados aqui confrontados, que a possibilidade de servir ao Exército Alemão, a falta de vocação para o rabinato e a presença dos tios maternos em Aracati, serviram de combustível para as escolhas de Myrtil Meyer, ao se decidir por imigrar de sua França natal. Queria, como muitos imigrantes do contexto, *faire l´Amérique* (fazer a América), como se dizia.

No que tange à data e ao local de chegada de Gerson Gradvohl, outro dos franco-judeus aqui estudados, é seu bisneto, Roger Gradvohl (já qualificado), quem esclarece:

> [...] Ele veio para o Brasil em 1864 e ele era de Mulhouse, uma cidade da Alsácia-Lorena, perto de Estrasburgo [...] Ele veio por conta da Guerra Franco-Prussiana e da industrialização da França. A região de Mulhouse era muito industrializada, principalmente com a indústria têxtil [...] Primeiro ele morou em Camocim. Ele veio da França diretamente para Camocim. Ficou por lá um tempo, depois foi para Sobral e de Sobral veio para Fortaleza[32].

Duas informações chamam a atenção nesse depoimento: a primeira concerne à chegada de Gerson Gradvohl ao Brasil pelo Porto de Camocim, já que os principais portos do período, no Ceará, eram Aracati e Fortaleza. Contudo não se pode esquecer, como afirma Santos (2009), da importância desse cais para a colonização do Vale do Acaraú, bem como do protagonismo que Camocim conquistou, no século XIX, após a inauguração da Estrada de Ferro de Sobral, em 1881. Tal fato fez aumentar o

[31] Ver GIRÃO, Raimundo. Franceses no Ceará. **Revista da Academia Cearense de Letras**, n. 13, 1953, p. 72-84.

[32] GRADVOHL, Roger. **Roger Gradvohl**: depoimento [nov. 2016]. Entrevistador: Eustáquio Gonzaga Alvarenga Júnior. Fortaleza: 2016. Entrevista concedida por telefone.

escoamento do algodão produzido na região e também fez surgir inúmeras casas comerciais em Camocim. Certamente Gerson Gradvohl iniciou seus negócios no Ceará a partir de lá.

A segunda diz respeito à data de chegada e à Guerra Franco-Prussiana. Presume-se que o patriarca dos Gradvohl exercia a função de *comissionaire* (anteriormente já explicada) de uma das indústrias têxteis de Mulhouse. A data de 1864 pode ter sido a da primeira viagem de Gerson Gradvohl, tendo o mesmo feito várias outras, até, provavelmente, se fixar no Ceará em definitivo, entre 1870 e 1871 (período em que o mencionado conflito ocorreu), pois conforme já dito pelo descendente:

> [...] Mas realmente ele veio para pesquisar os produtos daqui que serviam para a exportação para a França, naquela época: a cera de carnaúba, o chifre de boi (de onde se faziam botões), o óleo de mamona (que servia para a indústria) e o algodão (matéria-prima de primeira necessidade para a indústria têxtil)[33].

Ainda em relação aos Gradvohl, é importante mencionar que, além de Gerson Gradvohl, afirma também o descendente que vieram para o Brasil dois de seus irmãos: Henri Gradvohl e Lazare Gradvohl (informações colhidas a partir de anotações da Sra. Andrée Gradvohl, esposa de Leon Gradvohl, filho de Gerson Gradvohl). No que diz respeito à presença desses judeus radicados no Ceará, outros dados surgiram ao longo da pesquisa e foram obtidos a partir de fontes manipuladas por Rego (2013), onde a autora teve acesso a documentos da *Casa Marc Jacob*[34], sediada em Parnaíba, Piauí, e também pertencente a emigrantes judeus da Alsácia-Lorena: a referida pesquisadora constatou haver certo grau de parentesco entre os Jacob, de Parnaíba, os Boris, de Fortaleza, e os Gradvohl:

---

[33] GRADVOHL, Roger. **Roger Gradvohl**: depoimento [nov. 2016]. Entrevistador: Eustáquio Gonzaga Alvarenga Júnior. Fortaleza: 2016. Entrevista concedida por telefone.

[34] Afirma Rego (2013) que, por volta de 1881, Marc e Lazare Jacob, dois dos cinco filhos do casal de fazendeiros franceses Joseph Jacob e Marie Beatrix, vieram de Schalbach, na Lorena, França, para o Ceará, Brasil. Mais tarde, outros dois irmãos juntaram-se a eles, em Parnaíba: Myrthil e Charles. Os irmãos Jacob chegaram à Parnaíba, possivelmente, em diferentes momentos, tendo cada um permanecido lá por diferentes períodos. Dispostos a trabalhar e a investir na cidade, em 31 de outubro de 1891, os irmãos Jacob estavam construindo um armazém na Rua Grande. A presença dos quatro irmãos em Parnaíba, desde 1886, e dois deles negociando durante quase 40 anos, indica a consolidação de seus negócios na cidade, através do incremento de suas atividades comerciais.

> É preciso lembrar que um vice-cônsul já atuava em Parnaíba, desde 1863, dando suporte às atividades comerciais do Sr. Lalanne, e que pelo menos três casas comerciais francesas já estavam atuando em Teresina, desde 1875. Uma rede de negociantes franceses parece, assim, já estar consolidada, **e a ida dos Jacob, parentes dos Boris (grifo do autor)**, para Parnaíba, viria a somar, tanto com a ampliação dos negócios do próprio Boris, como para a colônia de emigrados da Alsácia-Lorena radicados em Fortaleza, **que contava, inclusive, com alguns primos mais distantes dos Jacob, os Gradvohl (grifo do autor)**. (REGO, 2010, p. 126)

Diante do que aqui foi demonstrado, percebe-se claramente o estabelecimento de uma "rede migratória" no que concerne aos judeus da Alsácia-Lorena assentados no Ceará. A presença de conterrâneos e parentes, tanto no Ceará, quanto no Piauí, certamente potencializou laços interpessoais e trocas de "informações" que acabaram por criar uma pequena corrente migratória que esteve ativa ao longo das décadas finais do século XIX e início do século XX. Essas migrações foram do tipo "de cadeia", onde o deslocamento desses indivíduos foi motivado por uma série de dados e arranjos fornecidos por emigrantes de mesma origem, já instalados ou prestes a se instalar no local de destino.

Desse modo, Myrtil Meyer e seus tios, Jacques Klein e seus sobrinhos e Gerson Gradvohl e seus irmãos vieram para o Ceará no esteio dos laços que uniram fortemente esses indivíduos, tanto em seus locais de origem quanto em seus locais de pouso. Sua imigração foi do tipo voluntário, onde contaram com recursos próprios e auxílio de familiares, ao contrário da dos judeus do *Weser*[35] e de outros que vieram para o Brasil mediante estímulos oficiais. Quanto a esse último grupo, Seyferth (2005) ressalta que, durante os anos finais do Período Monárquico e o início do Período Republicano, manteve-se a propaganda brasileira para atrair imigrantes. Essa imigração continuou vinculada aos interesses da colonização (vide a legislação vigente à época, caso dos decretos 528, de 28/06/1890[36] e 603, de 26/07/1890[37]) e, apesar de estar inclinado, no período, a acabar com os

[35] Alusão ao navio europeu que trouxe as primeiras famílias de judeus à Argentina, em 1889.

[36] Decreto n. 528 de 28 de junho – Federal: Regularizava o serviço de introdução e localização de imigrantes na República dos Estados Unidos do Brasil.

[37] Decreto n. 603 de 26 de julho – Federal: Reorganizava a Inspetoria Geral de Terras e Colonização sendo baixado novo regulamento.

subsídios para esse fim, o governo federal continuou pagando prêmios às companhias de navegação que transportavam imigrantes.

Tais emigrados fizeram a travessia do Atlântico em navios chamados de "vapores". A presença desses meios de transporte, em diversos portos do Brasil e do Ceará, durante esse período, era constante. A imagem a seguir, que traz uma foto do Porto de Fortaleza, repleto de embarcações, em fins do século XIX, atesta a presença desses navios que regularmente faziam as rotas que ligavam a Europa à América do Sul:

Figura 5 – Fotografia do Porto de Fortaleza, no final do século XIX. Num primeiro plano, vê-se a chaminé do célebre gasômetro, que ficava perto da hoje Praia de Iracema. Ao fundo, veem-se vários vapores semelhantes ao *Weser*, que transportou os primeiros judeus chegados à Argentina Fonte: http://www.fortalezaemfotos.com.br (acesso em 07/08/2017).

Diante das imagens anteriores, seria bastante razoável supor que Myrtil Meyer, Henri Levy, Myrtil Levy, Jacques Klein, Henri Klein, Albert Klein e Gerson Gradvohl cruzaram o Atlântico do período aqui abordado, vindos da Europa em direção ao Brasil, em vapores bem similares. Por serem todos oriundos da Alsácia-Lorena, devem ter embarcado rumo à América do Sul pelo Porto do Havre, maior porto do Norte da França e bem próximo à citada região. É Takeya (1995) quem menciona, ao enumerar as linhas que ligavam a França ao Brasil, que durante a primeira metade

do século XIX havia uma preponderância das rotas que saíam, sobretudo, dos portos de Marselha (no Sul) e do Havre (no Norte). Cita também que o Havre havia se estabelecido como principal porto francês devido ao fato dessa região ser a mais industrializada e populosa de então.

Ao se analisar o trabalho de Almeida (2016), percebe-se esse pequeno deslocamento migratório de judeus da Alsácia-Lorena para o Ceará, ao longo do século XIX. A tabela abaixo traz a compilação dos dados acerca de quem eram esses indivíduos, bem como seu país e cidades de origem/destino:

Tabela 3 – Relação de judeus franceses radicados no Ceará e origem/destino (séculos XIX/XX)

País	Cidade/Região	Nomes/Destino
França*	Chambrey (Lorena)	Adrien Boris (Fortaleza)
França	Ingviller (Alsácia)	Aron Braun (Fortaleza)
França	Marmoutier (Alsácia)	Myrtil Meyer (Aracati)
França	Mulhouse (Alsácia)	Gerson Gradvohl (Fortaleza)
França	Mulhouse (Alsácia)	Jules Bloch (Fortaleza)
França	Quatzenheim (Alsácia)	Albert Kahn Klein (Aracati)
França	Quatzenheim (Alsácia)	Henri Kahn Klein (Aracati)
França	Quatzenheim (Alsácia)	Jacques Klein (Aracati)
França	Quatzenheim (Alsácia)	Nephtalie Levy (Fortaleza)
França	Quatzenheim (Alsácia)	Samuel Weil (Sobral)
França	Osthophen (Alsácia)	J. Robert Dreifus (Fortaleza)
França	Soutz-sous-Forêts (Alsácia)	Josephine Levy (Fortaleza)

Fonte: Tabela elaborada com dados da pesquisa do autor e dados retirados de ALMEIDA, Nilton Melo. Judeus no Ceará (séculos XIX e XX). São Paulo: Intermeios, 2016, p. 51-52.

* Obs: Sabe-se que a França perdeu o Departamento da Alsácia-Lorena para o Império Alemão. Tal situação durou de 1871 a 1919, quando, após o fim da Primeira Guerra Mundial, o Tratado de Versalhes obrigou os alemães a devolverem as terras confiscadas dos franceses. Porém, algo que é quase unânime a todos esses emigrados, é a identificação como franceses e nunca como alemães. Por isso optou-se por colocar a França como país de origem.

De posse dos dados anteriores, nota-se o número, relativamente relevante, de judeus da Alsácia-Lorena radicados em várias cidades do Ceará. Todos vieram ao longo da segunda metade do século XIX[38]. Sendo assim, chegaram esses judeus franceses às plagas do Ceará. De certa forma, corroboraram o mito criado pelos católicos do "judeu errante", condenado a vagar pelo mundo até a vinda do segundo Cristo[39]. Esse novo país trazia uma série de desafios a esses recém-chegados. Segundo Seyferth (2005), as problemáticas iniciais enfrentadas por todo emigrante envolvem a questão da "assimilação/aculturação". Essa "assimilação" surge em decorrência das mudanças e conflitos enfrentados pelos emigrantes nas dinâmicas de inserção numa outra cultura e sociedade. No caso dos imigrantes europeus, muitas vezes essa "assimilação" tornou-se um conceito mais genérico e sinônimo de "americanização" ou "abrasileiramento", sobretudo nos processos onde ocorria uma efetiva integração cultural e social, especialmente a partir da segunda geração, onde a transferência dos ideais nacionais e lealdades políticas migravam para o país adotado. No tópico a seguir, empreende-se uma análise do processo de inserção do grupo aqui abordado.

Fazer a América no Ceará

Depois da travessia do Atlântico, a cidade de Aracati, e seu então pujante porto, foi o abrigo desses emigrantes que vieram para "fazer a América". Nela, fundaram uma pequena colônia franco-judaica, que manteve uma população flutuante considerável; dadas as pequenas dimensões daquele núcleo urbano. No que diz respeito à história da cidade, a *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, publicada pelo IBGE (1959)[40], traz algumas informações sobre a evolução urbana do município, ao mencionar que, ainda no século XVII, o capitão-mor Pero Coelho de Souza havia

[38] As únicas exceções são Albert Klein e Henri Klein, que vieram entre 1912/1914.

[39] Conforme Kirschbaun (2011), o mito do judeu errante foi criado pelos católicos, que consideravam os judeus como deicidas (assassinos do Filho de Deus), e, portanto, teriam sido castigados com a sina de vagarem pelo mundo sem pouso certo. Na realidade, tal mito serviu, durante muito tempo, para ocultar e justificar as dificuldades enfrentadas por esses povos e concernentes às perseguições vividas na Europa Oriental e na Rússia, ao sentimento de estranheza e desconforto sentido pelas minorias judaicas perseguidas em meio a uma maioria cristã e ao horror do extermínio causado pela *Shoá* (Holocausto).

[40] Ver IBGE. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Volume XVI. Rio de Janeiro: 1959.

partido da Paraíba com o intuito de empreender a conquista da Serra da Ibiapaba, então lugar onde os franceses já comerciavam com os Tabajaras. No caminho, tal expedição se dividiu em dois grupos: um que seguiu por barco diretamente para o Jaguaribe e outro, que seguiu por terra até a foz do mesmo rio. Porém, ambos os grupos, ao alcançarem o local, enfrentaram a resistência dos indígenas lá estabelecidos. Isso os obrigou a permanecerem mais tempo no sítio, construindo então uma fortificação à qual deram o nome de São Lourenço, em 10 de agosto de 1603.

Ainda segundo a mesma fonte, e por tratar-se de local seguro para as embarcações, esse porto veio a ser chamado ora de Porto dos Barcos, ora de São José do Porto dos Barcos. Mais tarde, com a expulsão dos holandeses do Recife, colonos portugueses, pernambucanos e paraibanos instalaram-se na várzea do Rio Jaguaribe. Esse afluxo de pessoas começou a desenvolver o lugarejo, que se constituiu, logo depois, em local de trocas comerciais.

Levando-se em consideração a transformação em vila do pequeno agrupamento, no século XVIII, é Jucá Neto (2012) quem menciona ser a cidade tão antiga quanto a Vila de Nossa Senhora da Expectação do Icó, importante entreposto comercial existente nos sertões do Ceará e fundada em 1737. Ainda segundo este último, o antigo povoado do "Porto dos Barcos", situado a 15 quilômetros da foz do Rio Jaguaribe, foi também elevado à vila logo depois, em 1748, passando a se chamar Vila de Santa Cruz do Aracati.

Menciona também que a região de Aracati, nesse período, produzia carne seca e couros, e que seu porto era estratégico para a comercialização desses produtos com as praças de Recife, Salvador e Rio de Janeiro. Documentos[41] do contexto apontam, entre 1740 e 1790, uma média de trinta navios aportando por ano com o objetivo de embarcar essas mercadorias. Quanto a esse "Ciclo das Charqueadas", que foi de extrema importância para a viabilização da ocupação da Capitania do Ceará, é o memorialista

[41] Segundo Jucá Neto (2012), pode-se, a partir do depoimento de 8 de janeiro de 1743, dado pelo então Governador do Ceará, Francisco Ximenes Aragão, verificar esses dados. Do mesmo modo, constata-se tais informações através do depoimento de 24 de julho de 1744, dado pelo Ouvidor Geral da Capitania, Manoel José de Farias, que declarava que eram comercializadas: "carne e courama de dezoito até vinte mil boys (sic) para Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro". Dizia ainda que o lugar era: "muito populozo (sic) pela concorrência de muitas sumacas e gente que desce dos certoens (sic) com inumeráveis gados a fazerem suas negociacoenz (sic)".

Costa Lima (1979) quem cita, sobre o protagonismo de Aracati nesse período:

> Nos séculos XVII e XVIII a indústria pastoril no município de Aracati era a mais importante do Ceará. Abastados fazendeiros estabelecidos em ricas fazendas possuíam milhares de cabeças de gado. Era tão grande o desenvolvimento da pecuária que, antes da edificação da vila, já existiam algumas fábricas de onde saíram as primeiras xarqueadas (sic) do Brasil e que hoje constituem um dos mais importantes ramos de negócio do Rio Grande do Sul. Tão importante foi essa indústria que, segundo rezam as crônicas do tempo, eram preparados anualmente de 20 a 25 mil bois e pelo porto de Aracati saíam de 25 a 30 mil couros salgados, de 50 a 60 mil meios de sola e vaquetas, 30 a 35 mil couros de cabra, 2 a 3 mil pelicas brancas (camurça), que costumavam fabricar no sertão (COSTA LIMA, 1979, p. 31-32).

Passados alguns anos, os mesmos motivos que levaram à sua elevação de lugarejo à vila, também causaram a sua elevação à cidade: por questões econômicas ligadas à pecuária e por questões estratégicas, ligadas à posição de seu porto. Isso se deu pela Lei Provincial de 15 de outubro de 1842. A imagem abaixo traz um mapa elaborado no início do século XIX, onde se destaca o traçado da referida cidade:

Figura 6 – Mapa desenvolvido por João Bloem, em 1825. Detalhe de planta da barra do Rio Jaguaribe com a Vila de Aracati. Fonte: acervo do *Arquivo Histórico do Exército* - AHE, Rio de Janeiro.

Ao observar-se o mapa anterior, percebe-se a posição da cidade em relação ao Rio Jaguaribe. As dimensões do núcleo urbano ainda são modestas, mas seu porto era dinâmico e fez circularem inúmeras riquezas. Desse modo, ao longo do século XIX, ilustra Girão (2000) que o "Ciclo das Charqueadas" foi substituído pelo "Ciclo do Algodão". Isso se deu por conta de sucessivas secas ocorridas ainda em finais do século XVIII, que acabaram por diminuir drasticamente os rebanhos da região, além do fato de alguns moradores locais terem exportado a técnica do charque para o Rio Grande do Sul, causando uma forte concorrência por parte dessa Província. Nesse panorama, e, sobretudo a partir de 1860, houve um significativo aumento do comércio do algodão com a Inglaterra. Quanto a isso, menciona Girão (2000, p. 232) que "[...] o extenso desenvolvimento do cultivo do algodão foi devido à alta deste produto nos mercados europeus, consequência da guerra civil nos Estados Unidos".

As cidades do século XIX, sobretudo as portuárias (como Aracati e Fortaleza) e as fabris (como Londres e Paris), inseriram-se fortemente nesse novo arranjo trazido pelo capitalismo industrial. Tais cidades foram construindo uma forte "configuração/interdependência" entre si, que reproduzia e reafirmava a "configuração/interdependência" já estabelecida pelo capitalismo em escala mundial. Desse modo, para entender esse processo, cita-se Elias (1969), onde o mesmo define:

> Por **configuração** entendemos o padrão mutável criado pelo conjunto de jogadores – não só pelos seus intelectos, mas pelo que eles são no seu todo, a totalidade das suas ações, as relações que sustentam uns com os outros. Podemos ver que esta configuração forma um entrançado incrível de tensões. A **interdependência** dos jogadores, que é uma condição prévia para que formem uma configuração, pode ser uma interdependência de aliados ou de adversários (ELIAS, 1969, p. 142).

Desse modo, a civilização capitalista cria, através de sua "configuração" (entendida aqui como o padrão das relações ao nível das práticas e das representações), uma identidade de pertencimento. Isso se dá através das coisas e das representações atreladas a essa civilização. Tal identidade cria uma intensa "interdependência" entre aqueles que por ela são afetados. Diante disso, percebe-se não apenas uma economia-mundo, mas, sobretudo, uma civilização-mundo.

Retornando à cidade de Aracati, vê-se que a mesma também fora apanhada pela lógica dessa nova conformação trazida pelo "processo civilizador capitalista". Quanto a isso, cita Girão (2001, p. 111-112) que o

desenvolvimento da cidade, primeiramente calcado na pecuária e depois no algodão, fez: "[...] crescer a especulação daquele ramo de negócio (comércio de trocas), aumentando dia a dia as transações com as demais praças do país, passando Aracati a prover de fazenda e objetos de luxo o resto da Capitania".

Sendo assim, o aumento da entrada dessas mercadorias sedimentou as relações comerciais entre Brasil, Inglaterra e França. Isso se deu notadamente durante o século XIX, onde a importância do algodão efetivou tais trocas, principalmente com a Inglaterra, como ilustra Girão (2000, p. 233), ao afirmar que: "[...] a notícia da grande produção de algodão em breve atraiu, de outros pontos do Brasil e da Europa, especuladores, que fundaram novas casas comerciais". Esse crescimento do número das casas comerciais proporcionou o desenvolvimento de muitas cidades brasileiras, sobretudo as portuárias. Dentre elas estava Aracati.

Ainda sobre esse assunto, é o memorialista Fernandes (2006) quem proporciona, através de seu texto, uma viva descrição da cidade de Aracati do período aqui abordado:

> Quando entrou o século XX a cidade possuía, paralelas ao rio Jaguaribe, grandes e largas ruas, que não eram calçadas ou por descuido dos administradores ou por serem intensamente transitadas por carroças de rodas de madeira e carroções puxados por várias juntas de boi. Era comum ver 12 bois a puxar um carroção com 1,5 a 2 toneladas, dentro da cidade, além da circulação de cavalos e muares [...] Sua população girava em torno de 27.541 habitantes (conforme censo de 1920, o mais antigo encontrado) [...] Havia, na primeira década do século XX, 16 publicações impressas em Aracati. Os jornais eram diários, semanais e mensais. As revistas eram mensais e bimensais (FERNANDES, 2006, p. 22).

Quanto ao seu comércio, é o mesmo memorialista quem menciona:

> Era vigoroso o comércio com o interior do Estado e o exterior (Sul do país e Europa). Os navios ancoravam no rio Jaguaribe, no lugar correspondente ao meio da cidade, onde as barcaças iam desembarcar as mercadorias que chegavam ou embarcar as que eram produzidas neste Nordeste sofrido desde priscas eras. Descarregavam querosene, velas, azulejos, móveis, tecidos, etc. e levavam couros, peles de animais domésticos e silvestres, algodão, charque, mamona e outras menos volumosas [...] Os grandes armazéns da cidade estavam sempre abarrotados de produtos de fora. Os navios, que na época eram popular-

> mente chamados de "vapor", iam, como foi dito, até em frente à zona urbana da cidade e outros voltavam do Fortim quando iam buscar sal produzido pela imensa salina Canoé. Ali os vapores atracavam junto às altas ribanceiras do rio e de lá o produto caía nos porões dos navios ou barcos, por meio de calhas apropriadas. Canoé ficava a poucos quilômetros do Fortim e a salina construiu uma ferrovia ligando-a ao local de embarque de sal [...] O comércio com o interior tinha como principal rota Aracati-Icó-Picos, de onde retornavam com produtos agropecuários. Já o comércio com o exterior era tão forte que no Aracati havia seis consulados (FERNANDES, 2006, p. 22-23).

Diante do que até aqui foi exposto, nota-se que a cidade de Aracati, apesar de não muito populosa e de modestas dimensões, foi palco de um dinamismo comercial notável. No tocante ao seu comércio, constata-se que, ao longo da segunda metade do século XIX, uma série de estabelecimentos comerciais capitaneados por europeus, especialmente judeus franceses, foram sendo instalados. Segundo Takeya (1995, p. 137), tais empórios comerciais surgiram devido à forte: "[...] atração que a cidade de Aracati exerceu sobre essas casas comerciais francesas que vieram aqui estabelecer-se. Embora no século XIX estivesse em curso o processo de hegemonia de Fortaleza, aquela cidade continuou sendo [...] importante".

No que tange a essas casas comerciais, pode-se destacar a *Gradvohl Frères* (1872[42]), a *Benoit Lévy* (1872), a *George Jacob e Gustave Habsreuttinger* (fundada em 1875 e conduzida por um parente dos Jacob de Parnaíba), a *J. Klein e Figueiredo* (fundada entre 1875 e 1879), dentre outras. Todas foram consolidadas entre as décadas de 1870 e 1880, o que só corrobora a tese, defendida aqui, do contexto da Guerra Franco-Prussiana alimentando essas emigrações. Quanto à *Gradvohl Frères*, administrada por Gerson Gradvohl e seus irmãos, é Takeya (1995, p. 137) quem mais uma vez ilustra que a referida firma: "[...] funcionava em Paris desde 1868, pelo menos no comércio de tecidos, artigos de armarinho [...], sua única filial foi estabelecida na província do Ceará, inicialmente na cidade de Aracati[43] e, em seguida em Fortaleza". Segue abaixo uma tabela, feita a partir de dados levantados por Bezerra (2015), e referentes às mencionadas casas comerciais de Aracati, então conduzidas por judeus:

[42] Datas fornecidas por Takeya (1995) a partir do manuseio do Arquivo Intermediário da Casa Boris Fréres, APEC.

[43] Conforme já mencionado pelo descendente, houve uma passagem dos Gradvohl por Camocim e Sobral.

Tabela 4 – Principais casas comerciais de estrangeiros em Aracati (século XIX)

Casa comercial	Ano de fundação	Origem dos proprietários
Benoit Lévy	1872	França
Clemente A. Bussoñs	s/d	Espanha
Gradvohl Frères	1872	França
Habsreuttinger e Cia.	1875	França
J. Klein e Figueiredo	1875/1879	França
Levy Frères	1870	França
Weill e Cia.	1872	França

Fonte: BEZERRA, Ana Paula G. Capitalismo e elite no Ceará: produção, distribuição e consumo de louças europeias em Aracati (1850 a 1890). Dissertação de Mestrado em História e Culturas. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2015, p. 119 e 153.

De acordo com a tabela anterior, verifica-se a presença relevante de comerciantes franco-judeus na cidade de Aracati, no período aqui contemplado (a única exceção sendo a do espanhol Clemente Bussoñs). Destaca-se a firma *J. Klein e Figueiredo*, pertencente ao judeu alsaciano Jacques Klein e ao aracatiense Antônio Rodrigues da Silva Figueiredo. Como já mencionado nesse trabalho, a data provável de chegada de Jacques Klein ao Aracati se deu por volta de 1870/1871. Isso decorreu por conta de sua idade (18/19 anos no período) e pelo dever inescapável do alistamento no Exército Alemão. Além disso, a emancipação proporcionada aos judeus pelo governo francês e o estabelecimento/permanência de outros conterrâneos na região, certamente influenciaram nas suas escolhas. Tais motivos se repetiram no processo emigratório de Gerson Gradvohl e seus irmãos (entre 1864 e 1872), bem como também no caso de Myrtil Meyer e seus tios (entre 1870 e 1897). A única exceção do pequeno grupo foi a dos sobrinhos de Jacques Klein, Henri e Albert Klein, chegados entre 1912 e 1914.

Desse modo, os judeus mencionados formaram, junto com outros, uma pequena colônia franco-judaica em Aracati. Não se tem notícia de nenhuma mulher nesse grupo, sendo a única exceção a esposa de Gerson Gradvohl, a Sra. Elise Gradvohl (antes Elise Nathenson), judia de origem romena[44]. Durante a presente pesquisa, não foi possível encontrar registros fotográficos dos Gradvohl em Aracati. Porém, obtiveram-se imagens de um

[44] Informação colhida junto aos descendentes.

dos filhos de Gerson Gradvohl, Leon Gradvohl, que acabou por radicar-se em Fortaleza, sucedendo, mais tarde, ao pai nos negócios. As imagens a seguir conferem feições aos indivíduos aqui estudados:

Figura 7 – À esquerda, Jacques Klein. À direita, Henri Klein. Aracati, início do século XX. Fonte: acervo particular da família Klein.

As imagens anteriores trazem o rosto dos membros da família Klein que aqui se radicaram: o primeiro sendo o patriarca Jacques Klein, o segundo seu sobrinho Henri Klein, filho de seu irmão Joseph Klein, que permaneceu na Alsácia, como anteriormente já citado.

No que tange à família Meyer, a presente pesquisa levantou, junto aos familiares, algumas imagens do avô francês, Myrtil Meyer. Quanto aos seus tios, Henri e Myrtil Levy, não se logrou êxito no levantamento dessa tipologia de fonte:

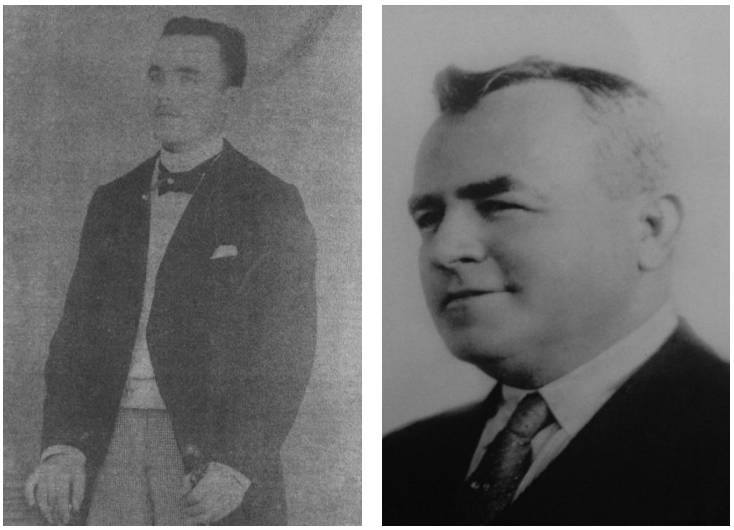
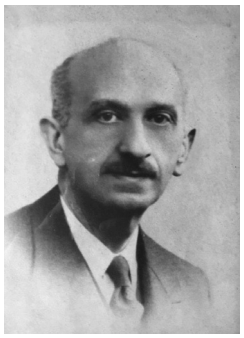


Figura 8: Fotografia da esquerda: Myrtil Meyer ainda jovem, recém-chegado à Aracati (década de 1890). Fotografia da direita: Myrtil Meyer já maduro, por volta dos 50 anos (década de 1940). Fonte: acervo particular da família Meyer.

Diante das fotos anteriores, pode-se notar, no que tange ao progresso material desses indivíduos, certo apuro no vestir e nas poses aristocráticas e teatralizadas. Muitas dessas fotografias eram remetidas a parentes e amigos na França, como forma de corroborar a bem-aventurança de seus projetos migratórios.

Em relação à família Gradvohl, sabe-se que Gerson Gradvohl e seus irmãos tiveram breves passagens pelas cidades de Camocim, Sobral e Aracati, fixando-se depois, em definitivo, na capital Fortaleza, durante a década de 1880. Durante esse trabalho, nenhuma fonte levantada (além dos depoimentos orais), confirmou a passagem por Camocim. Porém, no que concerne à cidade de Sobral, constatou-se, através de bibliografia consultada, que realmente houve registro dos Gradvohl nessa cidade. É Almeida (2016) quem cita que, a partir de suas pesquisas, ter levantado os dados de um certo Samuel Weill ou Samuel Gradvohl, enterrado no Cemitério Público São José, em Sobral. A seguir, fotografias de Leon Gradvohl, filho de Gerson Gradvohl, e do selo da *Gradvohl Frères*, presente nas correspondências dessa firma:



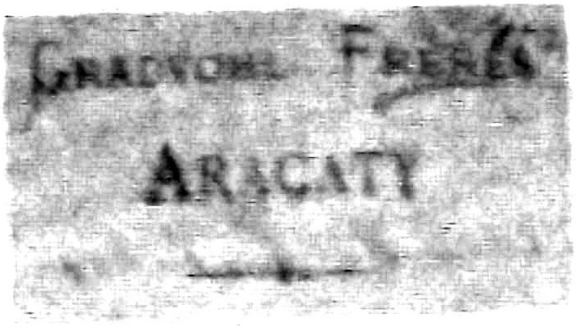


Figura 9 – Imagem da esquerda: Leon Gradvohl, filho de Gerson Gradvohl. Imagem da direita: selo da firma *Gradvohl Frères*, presente nas correspondências trocadas entre essa firma e a *Casa Boris Fréres*. Fontes: acervo da família Gradvohl e APEC – Arquivo Intermediário da *Casa Boris Frères*.

Diante disso, esses comerciantes franco-judeus, entendidos aqui como "agentes civilizacionais" (pois ajudaram na consolidação de um modelo de civilidade: o modelo europeu capitalista), inseriram-se, através de suas atividades, nas fileiras das elites urbanas. Sobre esse protagonismo das cidades e seus agentes, nas trocas mercantis, é Freitas (2016) quem cita:

> [...] As famílias das elites rurais foram, cada vez mais, deslocando-se para as cidades, sobretudo para a Capital, conhecendo outros gostos, outras sensibilidades, mundanismos e incorporação de nova psicologia. Tratava-se de um *ethos* civilizacional tendentemente uniformizador, um modelo contextualmente hegemônico de bem-estar e estar bem no mundo, em invenção constante e ininterrupta, transformando a vida humana nos seus mínimos detalhes, da vida pública à vida privada, do trabalho ao lazer, da vida material aos sentimentos [...] o processo civilizador capitalista [...] impõe uma lógica de pertencimento através da interdependência entre capitalistas e entre capitalistas e os demais extratos da população [...] O processo civilizador capitalista possui seus agentes civilizacionais transformadores das paisagens materiais, dos imaginários e das sensibilidades. Esses agentes civilizacionais são estrangeiros e cearenses, empresas, famílias mistas (estrangeiros e cearenses) e famílias autóctones (FREITAS, 2016, p. 37-38).

Desse modo, esses estrangeiros e locais, enredados na lógica civilizacional capitalista, modificaram, através de suas firmas e negócios, as

dinâmicas dos cenários urbanos da segunda metade do século XIX. Isso também se deu em Aracati, conectada que era ao mundo pelo seu porto e suas notórias casas comerciais.

Logo a cidade se viu abarrotada de produtos e facilidades. Os franco-judeus analisados nesse estudo estiveram na linha de frente dessas trocas e influências, pois foram vetores, através de seus negócios, dessas consideráveis mudanças. Sobre a presença desses produtos nas casas aracatienses, é o memorialista Fernandes (2006) quem ilustra:

> Desde o século XIX, Aracati se sobressaia dos demais municípios cearenses por ter forte comércio com o Exterior e, onde há comércio forte, há famílias abastadas, além daquelas que, trabalhando com elas, ficam bem situadas no contexto social da cidade, por força de suas ligações. Assim, Aracati era considerada uma cidade rica. Cadeiras para salas de jantar, conjuntos de sofá com cadeiras de braços eram, geralmente, importados da Europa, especialmente da Áustria, Inglaterra e França [...] Importavam também guarda-roupas, cristaleiras e guarda-louças, que logo apelidaram de guarda-comidas. Todos os móveis importados chegavam desmontados e seus parafusos vinham em saquinhos amarrados às peças. Os carpinteiros locais logo ficaram "doutores" em montagem de móveis importados (FERNANDES, 2006, p. 26-27).

Como destacado pelo memorialista, o acesso a esses produtos concedia um caráter de distinção ao seu consumidor, geralmente pertencente às camadas mais abastadas. Quanto à afirmação desses grupos através do consumo, é Bezerra (2015) quem ilustra:

> Essa distinção é fornecida pelos artigos de luxo importados da Europa, como as louças, mobília, vestimentas, entre outros, ou até mesmo na aquisição ou venda de mercadorias ou tipos de mercadorias mais atuais e da moda. A essas mercadorias são atribuídos um caráter simbólico, que as diferencia das demais, onde um simples prato deixa de o ser para ser um prato de "origem inglesa". A riqueza de Aracati pode ser observada nos objetos consumidos, assim como nas fachadas de suas casas e no grande número de sobrados na cidade. Estes elementos a diferenciavam das demais cidades cearenses, que possuíam, na maior parte das vezes, casas planas. Poucas eram as que possuíam sobrados, ainda mais com fachadas azulejadas [...] (BEZERRA, 2015, p. 142).

Diante desses dados, demonstra-se a diversidade, importância e tamanho das empresas conduzidas por Myrtil Meyer, Jacques Klein e

Gerson Gradvohl. Dessa forma, nota-se que a denominação de "agentes civilizacionais" não contém nenhum exagero, ao se referir a esses judeus franceses. Esses agentes são para Freitas (2016):

> [...] quem realiza na prática a ordenação cultural e a transformação da paisagem, dos padrões, dos símbolos da civilização capitalista. São os "agentes civilizacionais". Esses que cruzam o mundo em busca de valores de trocas e de usos, sejam eles materiais ou espirituais. Exemplos desses agentes encontramos por todo o território e em todo momento da História do Brasil (FREITAS, 2016, p. 102-103).

Também cabe destacar o grande volume de compras, por parte desses estrangeiros, dos produtos da terra, sobretudo o algodão, a carnaúba e os couros. Isso se dava porque, como aqui já exemplificado, a pauta de exportações brasileiras se baseava, principalmente, nos gêneros agrícolas. A tabela a seguir evidencia, em números, o volume da saída desses produtos, naquele contexto:

Tabela 8 – Exportação dos principais produtos do Ceará, em porcentagem sobre o valor oficial total das exportações, entre 1865 e 1885.

Produto/ano	1865/1870	1870/1875	1875/1880	1880/1885
Café	9,5 %	10,3 %	28,2 %	22,1 %
Algodão	72,6 %	67,1 %	33,1 %	63,3 %
Açúcar	5,3 %	4,6 %	5,6 %	7,4 %
Borracha	1,7 %	6,5 %	5,0 %	1,1 %
Couros	10,8 %	11,5 %	28,0 %	6,1 %

Fonte: GUABIRABA, M. C. de A. Ceará – a crise permanente do modelo exportador. Apud LEMENHE, M. A. Expansão e hegemonia urbana: o caso de Fortaleza, Fortaleza: UFC, 1983, p. 110.

Ao exportar as matérias-primas elencadas acima, as casas comerciais desses emigrados se capitalizavam para adquirir tudo o que a indústria europeia produzia de manufaturados, produtos extremamente atrativos para o mercado brasileiro, ainda com um incipiente parque industrial e, portanto, carente desse tipo de mercadoria. Dessa maneira, abasteciam a capital, Fortaleza, além de outras praças do Ceará, com o que havia de mais atualizado em termos de vestuário, mobiliário, ferragens, instrumentos musicais, louças, talheres, etc. Dessa forma, nota-se o tamanho,

o dinamismo e a importância que as atividades comerciais dos emigrantes judeus desempenharam dentro da economia cearense das últimas décadas do século XIX e princípio do século XX.

Conclusão

Ao se examinar a bibliografia existente sobre a história dos judeus em terras brasileiras, nota-se um grande volume de estudos concentrados no Período Colonial, especialmente durante a Ocupação Holandesa e as Visitas Inquisitoriais.

Felizmente, nos últimos anos, tem-se detectado um aumento dos estudos que abordam esse tema em outros períodos históricos e em localidades que fogem do recorrente eixo Bahia-Pernambuco-Rio de Janeiro. Porém, não se pode esquecer que, muitas vezes, tal se deu pela facilidade da existência dos (parcos) arquivos desses Estados que possuem material para a pesquisa da etnia judaica e de seus movimentos pelo país.

Além disso, não se deve deixar de levar em consideração as peculiaridades das pesquisas que envolvem os judeus e que dizem respeito às dificuldades em achar e coletar materiais que possam servir como fonte para o desenvolvimento dessa temática: muitas famílias descartam documentos, desconhecendo a importância desse material para a posteridade. Apesar de tudo isso, tem-se registrado a ocorrência de alguns trabalhos de relevância fora do mencionado eixo.

Porém, para se falar das diásporas judaicas mundo afora, deve-se tocar, especialmente nos recortes temporais que abrangem a Era Contemporânea, a recente História da Europa. Não é possível falar de movimentos migracionais do século XIX sem explicar as razões que os desencadearam. Do mesmo modo, também não é possível falar do Velho Mundo desse contexto sem contemplar a ascensão vertiginosa e poderosa do capitalismo industrial e das novidades tecnológicas.

Esse admirável mundo moderno e veloz, que então se desenhou, ergueu suas bases a partir de uma nova sociedade de classes, inserida em novas formas de produção, trabalho, consumo e convívio social. Esse novo *modus operandi* relacional trazia a lógica do liberalismo econômico e dos Estados aburguesados e laicizados, ávidos por unir dinheiro, política e progresso. Os judeus que viveram a modernidade libertaram-se do peso do Antigo Regime, sendo então cidadãos inteiros e plenos, sobretudo em

países como a França e a Inglaterra. Não à toa esse período testemunhou o que muitos autores chamam de as "grandes migrações". Dessa forma, essa nova condição deu-lhes asas para alçarem inéditos e longos voos, que também não só foram estimulados por sua emancipação, mas também pela economia mundial que se transformava de modo atordoante e pelos imperialismos geopolíticos europeus.

Sendo assim, tomaram seus lugares nos vapores que os conduziram às Américas. Já instalados, verificou-se que o comércio foi, no Brasil, a atividade para a qual esses indivíduos se direcionaram, em sua maioria. Isso não ocorreu de forma desvinculada dos percursos vividos por essas gentes em sua vida pré-migratória: tal atividade sempre foi uma tradição ancestral.

Para falar das trajetórias desses emigrados, optou-se por narrar, nesse trabalho, as aventuras migratórias e escolhas de vida de um pequeno grupo de judeus franceses que se estabeleceu no Ceará. Tal pesquisa só foi possível através da garimpagem de diversas fontes, que abrangeram entrevistas, notícias de jornal, fotografias, anúncios propagandísticos, dados estatísticos, arquivos oficiais, almanaques comerciais e bibliografia correlata.

Unindo-se todos esses dados, elaborou-se uma narrativa que tentou elucidar os motivos pelos quais esses indivíduos radicaram-se em Aracati e outras cidades cearenses, além de se tentar demonstrar as peculiaridades da inserção desses sujeitos em uma cultura tão distinta da judaico-europeia.

Por fim, constatou-se que as amizades com conterrâneos e locais, bem como os casamentos com moças bem-nascidas, proporcionaram uma escalada social que viabilizou a fundação de negócios extremamente lucrativos. Esses empreendimentos trouxeram um maior dinamismo à economia local, conectando praças e alimentando de novidades estrangeiras a outrora acanhada província.

Foram, em grande medida, impetuosos protagonistas do "processo civilizacional capitalista", que então se espraiava. Contudo, esses emigrados também eram, além de capitães do empreendedorismo, avôs e pais carinhosos. Algumas das lembranças coletadas falam de canções alsacianas murmuradas baixinho, numa língua incompreensível. Falam do vento batendo no lustre da sala, do aroma dos bolos da culinária francesa, da tradição estranha de se procurar uma estrela no céu. Falam de risos e de lágrimas. Falam do humano. Da carne e do odor de gente, matéria-prima do trabalho do historiador.

Fontes

Arquivos:

Arquivo Casa Boris (ACB). Diário n. 01: 1876-1882. Fortaleza/CE: *Boris Frères e Cia. Ltda*, 1000 p.

Depoimentos orais – família Gradvohl:

GRADVOHL, Roger. **Roger Gradvohl**: depoimento [nov. 2016]. Entrevistador: Eustáquio Gonzaga Alvarenga Júnior: 2016. Arquivo em MP3.

Depoimentos orais – família Klein:

FILHO, Antonio Carlos Pinheiro Klein. **Antonio Carlos Pinheiro Klein Filho**: depoimento [mar. 2016]. Entrevistador: Eustáquio Gonzaga Alvarenga Júnior. Fortaleza: 2016. Arquivo em MP3.

FILHO, Luciano Pinheiro Klein. **Luciano Pinheiro Klein Filho**: depoimento [out. 2016]. Entrevistador: Eustáquio Gonzaga Alvarenga Júnior. Fortaleza: 2016. Arquivo em MP3.

KLEIN, Antonio Carlos Pinheiro. **Antonio Carlos Pinheiro Klein**: depoimento [mai. 2016]. Entrevistador: Eustáquio Gonzaga Alvarenga Júnior. Fortaleza: 2016. Arquivo em MP3.

Depoimentos orais – família Meyer:

FACÓ, Heloísa Meyer Alves. **Heloísa Meyer Alves Facó**: depoimento [abr. 2012]. Entrevistador: Eustáquio Gonzaga Alvarenga Júnior. Fortaleza: 2012. Arquivo em MP3.

FACÓ, Heloísa Meyer Alves. **Heloísa Meyer Alves Facó**: depoimento [mai. 2012]. Entrevistador: Eustáquio Gonzaga Alvarenga Júnior. Fortaleza: 2012. Arquivo em MP3.

Enciclopédias:

IBGE. *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*. Volume XVI. Rio de Janeiro: 1959.

Fotografias:

Acervo particular da família Klein.

Acervo particular da família Meyer.

Acervo particular da família Gradvohl.

Livros de memória:

BARROSO, Gustavo. **Liceu do Ceará (segundo volume de memórias)**. Rio de Janeiro: Revista dos Tribunais, 1940.

BEZERRA, Agamenon. **Jacques Klein**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2006.

FERNANDES, Leônidas Cavalcante. **Aracati**: o que pouca gente sabe. Rio de Janeiro – São Paulo – Fortaleza: ABC Editora, 2006.

LIMA, Abelardo Costa. **Terra Aracatiense**. 2ª ed. Fortaleza: IOCE, 1979.

SILVA, José Correia da. **O Aracati que eu vivi**. Mossoró: GL Gráfica e Editora, 2011.

Revista da Academia Cearense de Letras:

GIRÃO, Raimundo. Franceses no Ceará. **Revista da Academia Cearense de Letras**, n. 13, 1953, p. 72-84.

Referências

ALMEIDA, Nilton Melo. **Judeus no Ceará (séculos XIX e XX)**. São Paulo: Intermeios, 2016.

BAIROCH, Paul. Comércio. In: ROMANO, Ruggiero. **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1986, v. 7, p. 277-303.

BARBUY, Heloísa. O Brasil vai à Paris em 1889: um lugar na Exposição Universal. **Anais do Museu Paulista**, [S.l.], v. 4, n. 1, p. 211-261, jan. 1996.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. (Trad. Carlos Felipe Moisés e Ana Maria Ioriatti). 15. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

BEZERRA, Ana Paula G. **Capitalismo e elite no Ceará: produção, distribuição e consumo de louças europeias em Aracati (1850 a 1890).** Dissertação (Mestrado em História e Culturas). Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2015.

BRENNER, Michael. **Breve história dos judeus**. (Trad. de Marcelo Brandão Cipolla). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

BRESCIANI, Maria Stella M. **Londres e Paris no século XIX**: o espetáculo da pobreza. 11ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.

BRESSER-PEREIRA, L. C. **Nação, Estado e Estado-Nação**. São Paulo: FGV, 2008.

BUSINO, G. **Elites e Elitismo**. Porto: Rés Editora, 1992.

CARNEIRO, Maria Luiza T. **Antissemitismo na Era Vargas**: fantasmas de uma geração (1930-1945). São Paulo: Perspectiva, 2001.

_____. **Brasil judaico**: mosaico de nacionalidades. São Paulo: Maaya-not, 2013.

COELHO, Ricardo C. **Os franceses**. São Paulo: Contexto, 2007.

DASHEFSKY, A. and SHESKIN, I. (eds.). **American Jewish Yearbook 2013:** the annual record of the North American Jewish Communities (DOI 10. 1007/978-3-319-01658-0_1). Genéve: Springer International Publishing Switzerland, 2014.

ELIAS, Norbert. **Introdução à Sociologia**. São Paulo: Edições 70, 1969.

_____. **O processo civilizador**: uma história de costumes e formação do Estado e civilização. v. 1. (Trad. Ruy Jungmann). 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FREITAS, Antônio de Pádua S. **Interdependência e civilização nas cidades do Ceará**: os agentes e as coisas (1860/1930). Fortaleza: Museu do Ceará/ SECULT, 2016.

GILLIES, Ana Maria Rufino **Shakespeare: história e política**. In: SOCHODOLAK, Hélio e OLIVEIRA, Oséias de. **Ensino e Pesquisa de História**: abordagens e metodologias. Bauru, SP: Canal 6, 2013, p. 9-21.

GIRÃO, Raimundo. **História Econômica do Ceará**. Fortaleza: UFC/Casa José de Alencar Programa Editorial, 2000.

GIRÃO, Valdelice C. Estudos históricos e de evolução urbana da cidade de Aracati. **Revista do Instituto do Ceará**. Tomo CXV, n. 115, 2001, p. 35-50.

GUABIRABA, M. C. de A. Ceará – a crise permanente do modelo exportador. Apud LEMENHE, M. A. **Expansão e hegemonia urbana: o caso de Fortaleza**. Fortaleza: UFC, 1983, p. 110.

HIRSCH, Joshua. The Generation of Postmemory, **Poetics Today**, vol. 29, n. 1, 2008, pp. 103-128.

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Impérios – 1875/1914**. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

JESSUA, Claude. **Capitalismo**. Porto Alegre: LP & M, 2011.

JUCÁ NETO, Clóvis R. **Primórdios da Urbanização do Ceará**. Fortaleza: Edições UFC/Banco do Nordeste do Brasil, 2012.

KIRSCHBAUN, Saul. **Viagens de um Caminhante Solitário**: Ética e Estética na obra de Samuel Rawet. São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2011.

LACAPRA, Dominick. **Writing History, Writing Trauma**. Baltimore: The Johns Hopkins Univesity Press, 2001.

LÉON, Pierre. Le dinamisme industriel. In: BRAUDEL, F., LABROUSSE, E. **Histoire économique et sociale de la France**. Paris: Presses Universitaires de France, 1976, v. 2, t. 3, p. 581-618.

LESSER, Jeffrey. **A invenção da brasilidade**: identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração. (Trad. Patrícia de Queiroz Carvalho Zimbres). São Paulo: UNESP, 2015.

LEVASSEUR, E. **Histoire du commerce de la France**: deuxième partie de 1789 a nos jours. Paris: Arthur Rousseau, 1912.

MAcCRAKEN, Grant. **Cultura e consumo**: novas abordagens do caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.

NIVEAU, Maurice. **História dos fatos econômicos contemporâneos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1969.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Exposições Universais**: espetáculos da modernidade no século XIX (Estudos Urbanos). São Paulo: Hucitec, 1997.

POLLACK, Griselda. Art/Trauma/Representation, **Parallax**, vol. 15, n. 1, p. 40-54.

REGO, Junia Motta Antonaccio Napoleão. O Piauí na rota do comércio internacional: a presença dos comerciantes franceses no Sertão oitocentista. **Revista Eletrônica Informe Econômico**, ano 1, n. 1, ago. 2013.

SINGER, Paul. O Brasil no contexto do capitalismo internacional. 1889 – 1930. In: FAUSTO, B. **História geral da civilização brasileira**. São Paulo: Difel, 1975, v. 1, t. 3, cap. 5, p. 345-390.

SANTOS, A. C. A. Fontes orais: testemunhos, trajetórias de vida e história. **Revista Via Atlântica**, n. 4, p. 1-10, 2000.

SEYFERTH, Giralda. A dimensão cultural da imigração. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 26, n. 77, outubro 2011.

STAROBINSKI, J. **As máscaras da civilização**: ensaios. (Trad. Maria Lúcia Machado). São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

TAKEYA, Denise Monteiro. **Europa, França e Ceará**: origens do capital estrangeiro no Brasil. Natal: UFRN Universitária, 1995.

VIDIGAL, Armando. Guerras da Unificação Alemã. In: MAGNOLI, Demétrio (Org.). **História das Guerras**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2009.